Cinema com Filosofia

BERNARDO G. B. NOGUEIRA
Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra
Professor da Escola de Direito do Centro Universitário Newton Paiva
Poeta

Cinema com Filosofia

ARRAES
EDITORES

Belo Horizonte
2014

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio eletrônico, inclusive por processos reprográficos, sem autorização expressa da editora.

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Arraes Editores Ltda., 2014.

Coordenação Editorial: Fabiana Carvalho
Produção Editorial e Capa: Danilo Jorge da Silva
Revisão: Ayeska Branca de Oliveira Farias

N778

Nogueira, Bernardo G. B.
Cinema com filosofia / Bernardo G. B. Nogueira. -
Belo Horizonte: Arraes Editores, 2014.
102p.

ISBN: 978-85-8238-067-3

1. Cinema e filosofia. I. Título.

CDD: 791.43
CDU: 791.03

Elaborada por: Maria Aparecida Costa Duarte
CRB/6-1047

Rua Pernambuco, 1408, Loja 03 – Savassi
Belo Horizonte/MG - CEP 30130-151
Tel: (31) 3031-2330

www.arraeseditores.com.br
arraes@arraeseditores.com.br

ARRAES
EDITORES

Belo Horizonte
2014

Sumário

PREFÁCIO VIII

Prisões imaginárias (“No”) 1

Profanação (“Caravaggio”) 3

Quem é bom, quem é mal? (“ Hannah Arendt”) 5

Quem inventou a hora certa? (“A hora mais escura”) 7

“Quem são eles? Quem eles pensam que são?” (“Elefante Branco”) 9

Silêncio e aplausos (“O Artista”) 11

O que é o real? (“Anônimo”) 13

Violência é e sempre será tragédia! (“Tropa de Elite II”) 15

Um roubo para a vida (“A dançarina e o ladrão”) 17

Uma vela pra deus outra pro diabo: qual vela me “acende”? (“Apenas uma noite”) 19

Variações de amor “Os Miseráveis” 21

Caminhos (“Django Livre”) 23

"Peça e jogador" ("Lixo extraordinário") 25

Eu não quero ser deus! ("O retrato de Dorian Gray") 27

Pecados ("Em transe") 29

Criar e viver ("Infância Clandestina") 31

Da vida: o que não se pode saber ("Medianeras - Buenos Aires na era do amor virtual") 34

Ditadura, fé e criação ("O Ditador") 36

Embriguez de mentira ("Argo") 38

Eu não vou me adaptar! ("Amor") 40

Viver é invenção ("Indomável Sonhadora") 42

Inventando a invenção ("A Invenção de Hugo Cabret") 44

Já estava ali? ("Primavera, verão, outono, inverno...e primavera") 46

Tempo rei? ("O passado") 48

Luz e sombra ("O nome da rosa") 50

Mais do mesmo? ("Lincoln) 52

O heroi que sucumbiu pelo amor ("Faroeste Caboclo") 54

Passado? ("Sociedade dos poetas mortos") 56

"A máscara e o rosto" ("Machuca") 58

Água e óleo ("Pequena Jerusalém") 60

Agora você saberá de tudo... (Agora você saberá de tudo...) 62

Tempo tempo, amor amor.... ("Antes da meia noite") 64

Ah, o tempo... ("Antes do amanhecer") 66

"Amar e mudar as coisas" ("Antes do pôr-do-sol") 68

Ainda é cedo ("Somos tão jovens") 70

Guerra de Titãs (“Amor em trânsito”) 72

“Assim fala um comunista” (“Anos Incríveis”) 74

Clichê (“Anna Karênina”) 76

Cada mulher é um mundo (“O amante da rainha”) 78

Tardes quentes (“La vie d’Adèle”) 80

“É só o amor que conhece o que é verdade” (“A vila”) 82

Quem manda sou eu! (“Estômago”) 84

“Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”
(“12 anos de escravidão”) 86

Amar é inventar? (“Her”) 88

Nu e assado (“ Ninfomaníaca I e II”) 90

Prefácio

Cinema com Filosofia é um livro de desassossego. Embora esse Bernardo não seja o Soares, também oferece fragmentos de uma existência poética, que podem ser lidos em verso e prosa, do início ao fim ou sem início, meio e fim. Se por um lado, Fernando Pessoa, que era também Nogueira, manifestou sua personalidade e poesia desdobrando-as entre diversos heterônimos, dentre eles Bernardo Soares, por outro lado, o autor de *Cinema com Filosofia*, Bernardo Nogueira, expressa seu deasassossego na singularidade do seu habitar poético, fazendo-se o mesmo subversivo da política e da linguagem, seja dando aulas no interior de Minas Gerais, fazendo conferências mundo afora ou enfeitando com seus versos os guardanapos dos cafés por onde passa.

O resultado do presente livro é um conjunto de textos poéticos e engajados que instigam o leitor a se lançar no mundo da arte com um olhar crítico, mas, sobretudo, sem perder a infinitude do humano. Cada filme comentado pode ser considerado um encontro, sempre improvável, entre poetas, filósofos, pintores, ativistas políticos e até personagens de outros filmes. No presente livro podemos encontrar à mesma mesa, em franco debate, Guimarães Rosa, Modigliani e Caravaggio (em *Profanação*); Julian Assange e Yoani Sanchéz (em *Quem inventou a hora certa?*); Hannah Arendt, Capitão Nascimento, Tiresias, Creontes e Antígona (em *Violência é e sempre será tragédia!*); Aristóteles, Nietzsche e Freud (em *Uma vela pra deus outra pro diabo: qual vela me "acende"?*); Jean Valjean, Levinás e Albert Camus (em *Variações de amor*); Django, Chico Buarque, Marcuse e Gessinger (em *Peça e jogador)*; Zizek, Chico Buarque e Nietzsche (em *Criar e viver);* Badiou e Gessinger, (em *Da vida: o que não se pode saber*) e Abraham Lincoln, Aristóteles, Maquiavel e Alexandre VI (em *Mais do mesmo?*).

Na escrita de Bernardo Nogueira não existem barreiras temporais, espaciais e sequer linguísticas, o que certamente caracteriza sua "existidão". Como podemos perceber pelos encontros criados em *Cinema com Filosofia*, filmes conversam entre si (como aparece em *Silêncio e aplausos*, o diálogo entre *O Artista* e *O palhaço*), filmes dialogam com filósofos, escritores, pintores, ativistas políticos e toda sorte de criações. O texto ganha vida com a melodia de uma canção, como em *Uma vela pra deus outra pro diabo: qual vela me "acende"?*, onde um asterisco aconselha o leitor a "*ler o texto ouvindo o DVD acústico de Rita Lee*".

Em toda sua expressão poética e filosófica, *Cinema com Filosofia* se confunde com o próprio autor, "amante e doente da vida", como ele mesmo descreve, em *O que é o real?*, ser o estereótipo de um poeta. Seria *Cinema com Filosofia* um livro autobiográfico? Seguramente que sim, afinal é apenas e tudo isso que fazem os poetas: criam a vida dentro de si em palavras, contam estórias, inventam! Assim explica Bernardo, assim Bernardo se explica. De quem mais estaria falando, senão de si? Quando lemos *Agora você saberá de tudo...* , texto inspirado no filme *Uma canção de amor para Bobby Long*, o autor ressalta que a frase que o toca, e ao mesmo tempo o toma, é uma só: *"Como podemos ver a nossa vida passar por uma tela e ficarmos ao mesmo tempo assistindo*?". Quando Bernardo fala da tela, a tela fala de Bernardo. Talvez a passagem mais autobiográfica de todo o livro seja a explicação dada ao personagem Bobby Long: "*Long escreveu sua poesia. Entre versos viveu sua tragédia. E entre o ocaso da vida e a certeza da morte, restou um pouco de si. Quis mais uma dose e quis citar mais um escritor. Os livros, em alguma medida, guardam a verdade inscrita da face mais humana, mais terrível e a mais poética também."* Não é coincidência que o texto se chame "*Agora você saberá de tudo*". E lá está o autor, derramado no livro.

A profusão de ideias presente em *Cinema com Filosofia* possibilita um sem número de discussões acerca de ideologia, estado, violência, racismo e revolução. Mas são o tempo, o amor e a tragédia que atravessam toda a obra. Em *Um roubo para a vida*, que retrata o filme *A dançarina e o ladrão*, aparece pela primeira vez com ênfase a temática do amor, que conduz a narrativa de praticamente todos os demais textos, notadamente *Uma vela pra deus outra pro diabo: qual vela me "acende"?* (que se refere ao filme *Apenas uma noite*), *Variações de amor* (que se refere ao filme *Os miseráveis*), *Eu não vou me adaptar* (que se refere ao filme *Amor*), *Amar e mudar as coisas* (que se refere ao filme *Antes do pôr-do-sol*), e *Clichê* (que se refere ao filme *Anna Karenina*).

Antes de entregar definitivamente o leitor ao prazer do *Cinema com Filosofia*, gostaria ainda de chamar atenção, profeticamente, para o tempo que vem, e que aparece em *Um roubo para a vida*. Ao constatar que "preferimos a dureza das leis à sutileza do poema", Bernardo encontra na estória o caminho capaz de fazer emergir a fala dos oprimidos: "Roubar o regime, saquear seu dinheiro, foi também uma forma clichê de trazer a voz para a dançarina. Falaram ali os oprimidos, falaram a partir de uma face estranha que as instituições costumam costurar na vida das pessoas." É com a sutileza da poesia que Bernardo propõe escrever a história a contrapelo.

Se é verdade que "a arte é a única maneira que o homem encontra de suportar a realidade", como o autor inspirado em Nietzsche afirma em *Profanação*, este trabalho contribui muito para esse desafio.

TATIANA RIBEIRO DE SOUZA
Ouro Preto, 26 de março de 2014.